



Revista Cocar. Edição Especial N.39/2025 p.1-19

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Livros para crianças – ontem e hoje

**Formação Literária e Literacia visual: uma análise da obra “O barco dos sonhos” de
Rogério Coelho**

*Literary Formation and Visual Literacy: an analysis of the book “The Boat of Dreams” by
Rogério Coelho*

Ludmila Magalhães Naves

Universidade de Évora (UE)

Évora – Portugal

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Lavras – Minas Gerais – Brasil

Resumo

As imagens dos livros de literatura infantil são textos visuais que permitem aos leitores uma interação dialógica de produção de sentidos com a obra. A literatura se destaca como arte que se expressa em palavras e em imagens, de modo a refletir sobre a dimensão estética literária das narrativas visuais presentes nos livros de imagens. Este artigo objetiva analisar a obra “O barco dos sonhos”, de Rogério Coelho, a partir da qualidade estética literária que o livro apresenta. Para tanto, optou-se por uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa. Como embasamento teórico, apoiou-se nos estudos de Manguel, Santaella, Ramos, Fillola e Hortin, entre outras referências que discutem as temáticas. O estudo apontou que a imagem narrativa na literatura favorece o desenvolvimento da educação do olhar, instigam a leitura e podem beneficiar o envolvimento do leitor com a obra.

Palavras-chave: Livro de imagem; Formação de Leitores; Literatura infantil.

Abstract

The images in children's literature books are visual texts that allow readers to interact dialogically and produce meaning with the work. Literature stands out as an art that is expressed in words and images, in order to reflect on the aesthetic literary dimension of the visual narratives present in picture books. This article aims to analyze the book “O barco dos sonhos” (Boat of Dreams), by Rogério Coelho, in order to reflect on the quality of the book and broaden the aesthetic literary perspective. To this end, a qualitative and descriptive research was chosen. The theoretical basis was supported on studies by Manguel, Santaella, Ramos, Fillola and Hortin, among other references that discuss the themes. The study indicated that the narrative image in literature favor the development of visual education, instigate reading and can benefit the reader's involvement with the book.

Keywords: Wordless Picture book; Readers training; Children's literature.

Introdução

*Imagens são palavras que nos faltaram.
Poesia é a ocupação da palavra pela imagem.
Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
Manoel de Barros (2017, p.61)*

Abre-se este texto com um convite ao leitor a refletir acerca da questão: o que são as imagens em livros de literatura infantil? Como resposta poder-se-ia afirmar que são modos de dizer, modos de ornamentar, de se expressar pela arte gráfica, mas não seria o suficiente. Isso porque as imagens podem ser compreendidas como “representações visuais”, nos explica Santaella (2012, p.19), pois foram criadas por pessoas para dizer algo.

Nesse sentido, as imagens requerem do leitor um olhar atento e profundo para ampliar o potencial representativo e produzir sentidos ao que é visto. Por se constituírem de um material simbólico, a “[...] característica primordial da imagem seja a de ser apreendida no golpe de um olhar, de chofre, tudo ao mesmo tempo, ela encerra complexidades que temos de aprender a explorar” (Santaella, 2012, p.14).

Compreende-se, como na epígrafe, que as imagens exprimem algo de literário, por comunicar algo, por provocar o pensamento, a reflexão e os sentidos, por inspirar sensibilidade e a criatividade, por instigar o leitor a uma relação dialógica, permite reconhecer que as “[...] imagens são palavras que nos faltaram”, como descrevem os versos de Manoel de Barros (2017, p.61).

A leitura de imagens instiga uma experiência estética literária, que não pode ser controlada nem medida, visto que remete à amplitude e à complexidade de uma leitura subjetiva, resultante da interação entre leitor e texto. A experiência estética literária é compreendida como “[...] a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção” (Cunha, 2014, p.112).

A imagem nos livros de literatura infantil pode estar repleta de subjetividade, pois, durante a leitura, o sujeito leitor assume a condição de autor da singularidade do texto, conforme apontam os estudos de Langlade (2013). O leitor, direcionado por uma percepção única, por modo específico de um olhar e/ou por uma marca pessoal, irá produzir um determinado sentido à obra, uma vez que “[...] toda a experiência literária, seja em relação às

emoções atribuídas, às associações ou às lembranças construídas, tudo isso tem sua origem nas ações mais íntimas, nessa marca pessoal” (Goulart, 2024, p.33).

Outro aspecto a se considerar é que as imagens, ao longo dos séculos, assumiram diferentes funcionalidades nos livros, antes como adorno, depois como elemento educativo, meio instrucional, instrumento de acompanhamento e de visibilidade ao texto (Oliveira, 2008; Ramos, 2013; Linden, 2011; Nikolajeva e Scott, 2011). Entretanto, as imagens foram ampliando sua função e seu espaço nos livros de literatura, especificamente, na literatura infantil. Passaram de elemento coadjuvante à protagonista nas obras para crianças, abarcando a dimensão estética, textual e literária. Além das várias funcionalidades das imagens, elas carregam, também, elementos narrativos, que possibilitam a composição de uma malha textual subjetiva.

As imagens passam a ser compreendidas como linguagem, como forma de expressão e de interlocução com o leitor, por provocar uma ação responsiva, pois trazem um complexo enunciativo, organizado em narrativas que instigam o leitor a produzir sentidos (Bakhtin, 2003); trata-se de um texto visual que exige uma compreensão (Naves; Goulart, 2024).

Ao considerar as imagens nos livros de literatura infantil como textos visuais, que permitem aos leitores interação dialógica com a obra, a partir de uma relação dinâmica e fluída de sentidos, destaca-se dois aspectos discursivos que serão aprofundados no texto: primeiro, da imagem como narrativa visual e o potencial da leitura subjetiva no processo de formação literária, ao se constituir em ato da leitura movida pela compreensão dos traços e elementos que a compõem. O segundo aspecto trata-se da discussão a respeito da literatura como arte, concretizada na relação entre palavras escritas e imagens, de modo a refletir sobre a dimensão estética literária das narrativas visuais presentes nos livros de imagens, provendo a literacia visual.

Diante disso, este artigo objetiva analisar a obra “O barco dos sonhos”, de Rogério Coelho, com base na qualidade estética literária que o livro apresenta. Para isso, a reflexão proposta baliza-se por uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, a partir da análise da narrativa visual de um livro de imagem.

Como embasamento teórico, a pesquisa apoiou-se nos estudos de Manguel (2001) e Santaella (2012) sobre leitura de imagens, de Ramos (2013) sobre ilustração na literatura infantil, de Hortin (1981) sobre o conceito de literacia visual. Finalmente, nas discussões

referentes à formação literária, toma-se como centralidade os estudos de Mendoza Fillola (2004), em interlocução com outros autores que discutem as temáticas.

Para uma melhor organização textual, o presente artigo se divide da seguinte maneira: primeiramente apresenta-se uma análise da obra, em seguida adentra-se nos estudos sobre a literacia visual, para então compartilhar abordagens e compreensões acerca da formação literária.

Uma análise descritiva da obra

A obra *O Barco dos Sonhos*, do artista Rogério Coelho, foi publicada em 2015, pela Editora Positivo e integra a coleção *História à Vista!*, constituída por obras classificadas como livros de imagem.

Compreende-se o livro de imagem como um livro narrado unicamente por ilustrações. Tais livros contam histórias sem utilizar o texto escrito, sendo a imagem o próprio texto, compondo uma narrativa visual:

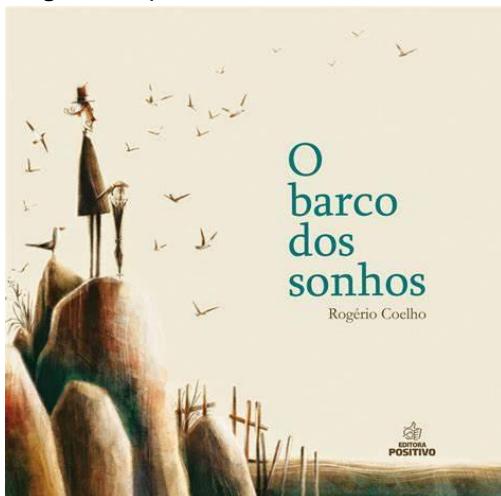
[...] um livro com imagens em sequência e que conta uma história, geralmente selecionando uma situação, um enredo e poucos personagens. Constitui-se como uma narrativa visual, que aproxima duas condições básicas para sua realização: a dimensão temporal (sequência linear das imagens) e a dimensão espacial (a lógica de organização espacial dos elementos que compõem as imagens) (Belmiro, 2014, p. 203-204).

Rogério Coelhoⁱ, natural de Curitiba, possui mais de cem obras ilustradas no Brasil, e já recebeu o prêmio Jabuti duas vezes. Desde 2015 leva sua arte para outros países, como, por exemplo, na Inglaterra para a revista inglesa *Storytime Magazine* em 2015; para os Estados Unidos em 2016 pela *Sleeping Bear Press* com o livro *Books do not have wings* e, também, pela *Tilbury House Publishers*, em 2017, com o livro *Boat of Dreams*.

O Barco dos Sonhos venceu em primeiro lugar o Prêmio Jabuti de 2016, na categoria ilustração de livro infantil, da Câmara Brasileira do Livro (CDL). No mesmo ano recebeu o selo de livro “altamente recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e recebeu o troféu HQMIX 2016 na categoria Desenhista Nacional da Associação dos Cartunistas do Brasil (ACB). Na sua versão em inglês, *Boat of Dreams* recebeu a medalha de ouro no *Independent Publisher Book Awards* 2017 (IPPY). Foi selecionado entre os melhores livros para crianças, em 2017, pela Biblioteca Pública de Nova York, Resenha Estrelada no *School Library Journal*, Resenha estrelada no *Booklist*.

O barco dos sonhos é uma encantadora narrativa imagética em que realidade e sonho se misturam. Na obra o passado, o presente e o futuro conversam, retratando a magia que surge de uma folha de papel em branco, que tece palavras pelas mãos de um homem idoso até chegar a um menino, por meio de uma correspondência, carregada de sentidos, que viaja pelo espaço e tempo. A obra remete a um encontro de gerações, a uma aventura de esperança, a uma viagem no tempo, ou melhor, a um encontro para além do tempo.

Figura 1: Capa da obra *O Barco dos Sonhos*



Fonte: Esconderijos do tempo, 2015.

A obra impressa tem formato quadrado e é composta por 84 páginas ilustradas com a arte visual de Rogério Coelho. Na capa (Figura 1), vê-se um dos personagens da história, um senhor de chapéu que, segurando um guarda-chuva como uma bengala, posiciona-se sobre um morro de pedras e avista o mar, acompanhado por pássaros e gaivotas. A maior parte da imagem se situa à esquerda da capa e à direita vê-se o título na cor verde, o nome do autor em tom marrom, no rodapé à direita, o nome e a logo da editora também em marrom. Na cena, este senhor observa o horizonte à sua frente, em que o espaço “vazio”, ocupado pelo título, pode simbolizar a imensidão do olhar do velho ancião.

Na quarta capa, vê-se a continuação da imagem principal da capa, uma parte do morro de pedras, uma cerca de bambu, gaivotas e a água do mar. No centro, encontra-se um texto de autoria da Professora Marta Morais da Costa, trata-se de posfácio poético sobre seu olhar acerca da narrativa visual.

Logo, nas folhas de guarda de início e fim da obra, na primeira e segunda orelhas e na folha de rosto, o leitor depara-se com as páginas em verde azulado que, possivelmente, remetem às águas do oceano. Em seguida, uma página dupla com tonalidade de papel

envelhecido e, antes de encontrar o primeiro personagem da história, ainda tem mais uma página dupla que, em tons de marrom, ilustram figuras variadas, funcionam como pistas para o leitor, como: mapa, bússolas, nuvem, desenho de uma casa, animal não identificado, placa escrita “oceano”, entre outros desenhos e formatos que se assemelham à bordados decorativos na madeira.

A história apresenta dois personagens principais: um homem idoso que vive, aparentemente, na companhia de uma gaivota, em uma casa na beira de uma praia, e um menino que vive em uma casa na cidade. Os personagens se comunicam por cartas ao longo da história, desenham e escrevem um para o outro; esperam pelo momento dos sonhos para se encontrarem. As ilustrações retratam um encontro comovente e simbólico, remete a uma visita esperada e ao mesmo tempo surpreendente. A cena é ilustrada com traços e cores suaves, de modo a representar um momento caloroso, sentimental, tocante e sensível.

Percebe-se que a narrativa abarca a dualidade da vida: a infância e a velhice, o presente e o passado, a vida e a morte, a alegria da presença e a dor da saudade, ou os lugares distintos, próximos e distantes, o mundo real e o imaginário, ou ainda, a presença corporal e a espiritual, entre outras. A narrativa visual – independente da leitura realizada – oferece ao leitor uma possibilidade de interseção entre ambos os mundos, criando pontes que ligam as duas realidades, situações ou fases. Essa conexão é construída por meio da história de dois personagens que embarcam juntos em um sonho: um sonho de (re)encontro.

A primeira cena da história nos mostra o senhor idoso, deitado em sua cama com a luz do sol a adentrar pelas frestas da janela. Seu quarto possui muitos objetos, entre eles um quadro posicionado na cabeceira de sua cama, que pode ser identificado como uma das páginas duplas que inicia a obra, o que aparenta ser um mapa com bússolas. Vê-se outros mapas pelo quarto, um par de óculos na mesa de cabeceira, um lustre pendurado, uma gaivota de frente à janela, como que se aquecendo com o calor do sol, que invade o quarto, põe-se à espera que o senhor acorde e inicie o dia.

Depois de acordar, o senhor vai até a varanda da sua casa que fica de frente ao mar, em uma praia aparentemente deserta, caminha até a areia e observa o horizonte com uma luneta, quando avista uma garrafa boiando na água, que logo é levada à areia pelas ondas do mar. O senhor a alcança e a leva para a casa. Dentro da garrafa de vidro havia um papel enrolado, mas estava em branco. A gaivota busca um lápis e entrega ao senhor que se senta

em sua escrivaninha e desenha no papel um barco voador. Ele enrola o papel, coloca-o de volta na mesma garrafa e a devolve, com todo cuidado, ao mar.

Enquanto isso na cidade, um menino ao chegar em casa se depara com um envelope à sua porta. Curioso, ele na companhia do seu gato abre o envelope e vê o desenho de um barco. Seu gatinho entrega um lápis e o menino sentado em sua escrivaninha os desenha dentro desse barco. O desenho é, então, colado na cabeceira de sua cama. Ao dormir a magia acontece, ele e seu gato viajam juntos no barco dos sonhos pelos céus de gaivotas, até que avistam lá embaixo, em uma praia e um senhor de chapéu. Eles acenam um para o outro, o menino “pousa” o barco na praia e, com um envelope nas mãos, corre para os braços do senhor que, aparentemente, já o esperava. O encontro é retratado de modo a explicitar a importância daquele momento, quando, carregado de emoção, comunica o incomunicável. O afeto toma conta da cena que é assistida pelas gaivotas e pelo gato.

O envelope que o menino carregava é entregue em mãos ao senhor. Eles se abraçam carinhosamente mais uma vez e o menino parte no barco dos sonhos. O senhor acena do alto do morro de pedras, despedindo-se da visita. Somente quando entra em casa é que se senta em uma poltrona e, cuidadosamente, abre o envelope para ver o que traz. Era o seu desenho do barco voador, porém com dois personagens acrescidos àquela imagem: o menino e o gato. Na hora de dormir, o senhor substitui o quadro que decorava a parede do seu quarto pelo novo desenho que ganhou, na parede logo acima da cabeceira da sua cama. Enquanto isso, na cidade, com o amanhecer, o menino acorda e começa um novo dia ao lado do seu gato.

O livro de imagem pode ser interpretado de maneiras variadas com base no leitor e em sua bagagem identitária, em memória pessoal, social e cultural. Algumas interpretações direcionam-se para a ideia de o idoso e o menino serem a mesma pessoa, representando a conexão íntima do idoso com sua própria infância, em que o barco seria o objeto que simboliza essa conexão com a vida que ganha forças ao se lançar no mundo de criatividade e fantasia. Neste caso, o sonho permitiria o resgate da infância e muito do que ela carrega, como: o imaginário, a facilidade de criar, o interesse pelo novo e pelo desconhecido, a curiosidade, a magia de viver.

Outra forma de olhar para a narrativa se refere ao diálogo que surge a partir do relacionamento de dois personagens, até então desconhecidos um para o outro e que apesar da grande diferença de idade e da longa distância que os separam, interagem, se identificam,

se conectam, se aproximam, se ajudam e enriquecem a vida de ambos, quando, embalados por um contato afetivo e amparados pela liberdade de fantasiar a realidade, tornam-na mais leve e feliz.

Ainda é possível inferir que o personagem idoso é o falecido avô do menino e que, no decorrer da narrativa, encontra uma forma de (re)encontrá-lo. O encontro torna-se viável a partir do desenho de um barco que, durante o sono profundo, no movimento dos sonhos, o leva voando até a praia onde seu avô já o esperava. Um encontro comovente que sacia a saudade que ocupava o íntimo do menino.

O enredo abarca a temática subjetiva do tempo: dois tempos, dois cenários, dois personagens, o que os separa e, também, o que os une. A narrativa visual pode ser entendida numa dimensão subjetiva e afetiva de um tema sensível, ao remeter a uma história de esperança que instiga a sensibilidade do leitor, em que é possível se identificar com o personagem ou com a situação, pois quem um dia não foi criança? Quem um dia não percebeu o tempo passar? Quem um dia não identificou a velhice nos próprios pais, avós ou outras pessoas? Quem um dia não desejou reencontrar alguém que se foi, que está em outro mundo?

Nesse sentido, este livro pode ser um espelho de um ciclo da vida, visto por lentes poéticas e amorosas, ou quem sabe vista pela lente dos sonhos. Uma vertente que aproxima de uma das tendências que caracterizaram a literatura infantil, apontadas por Coelho (1985), a “literatura híbrida”, por trazer uma proposta textual com elementos do contexto real e cotidiano, articulando-os com o imaginário, o fantástico.

Para a produção dessa narrativa visual, Rogério Coelho opta por dois tons de cores de imagens, em algumas sequências o ilustrador utiliza tons sépia, já em outros momentos ele escolhe tons frios de azul, o que pode indicar a ideia de separação entre os dois mundos. As imagens também variam quanto ao seu formato e dimensão espacial na página impressa do livro. Ocupam as páginas duplas, em outras duas ou mais ilustrações compõem quadros sequenciais de cenas, ou imagens que remetem à ação do personagem, o uso da técnica de zoom, com realce em detalhes da cena, como também, a utilização do recurso visual de apresentação dos pormenores, com exímio detalhamento no traçado dos muitos objetos que compõem o cenário, como retratado na Figura 2 e Figura 3, compartilhada adiante.

Figura 2: Página dupla da obra de *O Barco dos Sonhos*

Fonte: Esconderijos do tempo, 2015.

Com o decorrer da história, percebe-se que a cor sépia se destina às representações do personagem idoso, como na Figura 2, em que se pode associar às fotografias antigas, às imagens envelhecidas, o que sugere a ideia de outro tempo, de outra época. A utilização das cores pode indicar mudanças de ambiente, além disso, nas cenas em que este personagem aparece, nota-se que as molduras das imagens são clareadas e onduladas, o que pode remeter o leitor ao movimento das ondas do mar, uma vez que o personagem vive em uma praia.

Para as imagens azuladas, com tonalidades mais frias, observadas na figura 3 no tópico a seguir, encontram-se as cenas relativas ao menino, sua casa, seu bairro, sua cidade, o ambiente onde ele atua e vive. Para essas imagens, Rogério Coelho escolheu molduras retas, quadradas. Observa-se o momento em que os dois personagens se encontram na história, as cores e tonalidades de ambos os mundos se misturam, criando este outro lugar. A magia ocorre com o desenrolar da narrativa e na forma como a arte visual pode tocar e se comunicar com o leitor. Os personagens se encontram, bem como as respectivas cores dos seus mundos.

Trata-se de uma narrativa visual intensa, meticolosa, que requer a atenção do leitor para explorar as diversas camadas de leitura e interpretação da linguagem visual. A narrativa é construída por imagens provocativas, enigmáticas, cativantes e mesmo comoventes, capazes de tocar as emoções do leitor literário, independentemente da sua idade. Tais características evidenciam o potencial da obra para a formação literária do leitor e ampliar a literacia visual.

Literacia Visual

A obra de Rogério Coelho é narrada por imagens que traduzem uma série de acontecimentos, cenas, momentos e personagens, representados por traços, espaços e

cores. Nessa direção, comprehende-se as imagens como textos visuais que comunicam, informam e narram, como uma forma de linguagem. Uma pessoa alfabetizada e letrada deve ser capaz de ler e de escrever textos, bem como entender e processar informações relativas ao que vê, para então pensar visualmente. A literacia visual “[...] é a capacidade de compreender e usar imagens e de pensar e aprender em termos de imagens”ⁱⁱ, explica Hortin (1980, citado por Hortin, 1981, p.15-16, “tradução nossa”), e complementa: “[...] a literacia visual inclui a compreensão de como os recursos visuais (imagens) comunicam, influenciam, manipulam e controlam nossas vidas”ⁱⁱⁱ.

A literacia visual envolve o ato de educar o olhar a partir da compreensão de que este é um processo em constante movimento. O ato de olhar mostra-se impregnado por valores, crenças, ideologias e normas sociais. Envolve aprender a examinar, interpretar e refletir sobre o que se vê. O ato de olhar não é neutro, nem tampouco fixo, refere-se a um processo que se aprende, se constrói e se transforma constantemente de acordo com experiências vividas, conhecimentos adquiridos e o contexto em que se está inserido.

O olhar é construído como um discurso profundamente ideologizado e sujeito às convenções sociais. A construção do olhar torna-se a forma de dar vida a mundos que, de forma dinâmica e emergente, se constroem e se transformam cada vez que o sujeito-receptor faz parte de um novo acontecimento nascido do ato de olhar. Olhar é, consequentemente, um ato de criação produzido no mesmo momento em que se olha^{iv} (Simón, 2022, p.15, “tradução nossa”).

Fundamento em Hortin (1981), Simón (2022) aponta que aprender a ver imagens corresponde a aprender a pensar. Nesta direção, comprehende-se que o trabalho eficaz com a literatura infantil, especificamente, com o livro de imagem deve abranger a educação do olhar, ou seja, precisa envolver a literacia visual a partir de uma educação literária. O trabalho na dimensão do ensino da literatura trata-se de uma tarefa complexa, pois abrange a escolha de obras de qualidade artística, estética e literária, o que requer práticas de leitura literária, ações reflexivas sobre o texto lido, as quais necessitam ser planejadas por meio de ensino intencional e dialógico. A harmonia entre essas ações promove o desenvolvimento de habilidades de leitura como reflexão, discriminação, entendimento, crítica, questionamento e classificação de mensagens visuais, tanto de estudantes quanto de docentes.

O barco dos sonhos oferece espaço para o subjetivo, para múltiplas interpretações e pode alcançar leitores de todas as idades e de contextos diversos. Olhar não é apenas ver, mas compreender e interpretar de maneira consciente o texto visual. Esse processo é

moldado por fatores externos e internos. Para Manguel (2001, p.27), a interpretação de imagens é influenciada por nossas experiências pessoais e pelo conhecimento que se possui sobre o mundo, "[...] só podemos ver coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis, assim como só podemos ler em uma língua cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos".

Nesse contexto, o leitor é aquele que lê não apenas as palavras escritas nos livros, mas aquele que também lê imagens, independentemente do seu suporte, segundo Santaella (2012). A pessoa alfabetizada e letrada visualmente é capaz de olhar e compreender o significado das imagens, examinando-as atentamente e de forma crítica, bem como de se expressar a partir da criação de imagens significativas.

Escaño (2022) explica que a pedagogia do olhar começa a partir da consciência que se assume diante do que se olha. Visto que, ao olhar ativa-se uma conexão entre os olhos, o objeto e a luz. Essa percepção imersiva do que nos cerca aciona uma maneira específica de entender, criar e habitar o mundo.

Diante disso, comprehende-se que olhar não se apresenta apenas como um ato físico, mas também intelectual. Por isso, ao olhar uma imagem é possível interpretar, avaliar, comparar, refletir e estabelecer conexões com conhecimentos previamente adquiridos. O leitor de imagens tem o seu entendimento influenciado por experiências pessoais, vivências acumuladas e sua própria visão de mundo. Cada leitor traz um repertório único que contribui para a interpretação daquilo que vê, pois associa o que está diante de seus olhos a referências internas, criando significados singulares (Naves, 2019).

Independentemente da idade, todo leitor é capaz de observar seus arredores, perceber detalhes, examinar de forma atenta o que vê, reconhecer elementos e descrever cenários. É possível deixar-se guiar pelas imagens a partir do olhar, dos traços, das cores e formas, e construir sentido ao que se observa com intensidade. Olhar não se caracteriza como uma ação passiva, nem se limita a captar a luz e as formas, mas a inteireza do foco do olhar constitui-se em uma fonte de saberes. Por essa razão “ver é um ato de conhecimento”, afirma Ramos (2013, p.34) que acrescenta:

Ver e descrever cenários são maneiras de selecionar o que impressiona e descartar o que não produz sentido. Enrolar as palavras, mas dar conta de expressar o visto, o vivido e o imaginado ajuda a elaborar um discurso sobre o real, a criar um jeito de falar e pensar próprio de cada um quando se é criança (Ramos, 2013, p.48).

A leitura do livro de imagens permite que cada leitor interprete a mesma história de maneira particular e única, a partir de um diálogo individual ligado à identidade de cada um. A leitura em conformidade com a imaginação do leitor ocorre porque “[...] cada um construirá a história com base em seus conteúdos emocionais e repertório intelectual”, destaca Ramos (2013, p.110). Os signos são lidos com base nas experiências e memórias de cada leitor, ou seja, a partir de suas vivências, entendimentos e fantasias.

As imagens são representações visuais que atuam como intermediárias entre o leitor e a realidade, ativando conexões entre as esferas do subjetivo e do concreto, afirma Naves (2019). Ao ler ou criar uma imagem, confere-se a ela um valor, um papel entre dois mundos, o real e o imaginário.

A leitura da arte visual deve provocar um diálogo, ser apta a uma interpretação, trazer familiaridade, um confronto ou conforto, inquietar ou mesmo explicar. Nesta vertente, Manguel (2001, p.286) esclarece que “[...] para tornar-se uma imagem que nos permita uma leitura iluminadora, uma obra de arte deve nos forçar a um compromisso, a um confronto, deve oferecer uma epifania, ou ao menos um lugar para dialogar”.

Na obra de Rogério Coelho percebe-se a simbolização do real e da fantasia, vê-se dois mundos que se conectam por meio de dois personagens, cartas, um oceano e, também, por meio da interpretação do leitor, que com liberdade navega pelas páginas da obra usufruindo do espaço que a arte visual oferece para observar os detalhes, as pistas, as cores, os tons, que simbolizam uma realidade, uma verdade, um fato, um sentimento ou mesmo uma época. Ao ver as cenas, o leitor compara, reflete, correlaciona sobre o que é visto e, com sensibilidade, reconhece seu mundo nas imagens.

Formação literária e experiência de leitura

A obra *O barco dos sonhos* nos oferece um material discursivo visual, compondo uma narrativa, propícia para se pensar em elementos que podem contribuir para a formação literária. Para isso, deve-se considerar basicamente três elementos que se articulam entre si: o discurso literário, o leitor e a experiência de leitura.

O discurso literário refere-se ao discurso linguístico proposto pela narrativa textual, que se constitui de um “[...] sistema de língua que sempre é perceptível em sua essência e em sua potencialidade” (Fillola, 2004, p.62, tradução nossa)^v, ou seja, o texto traz em si uma relação direta com a língua, mediante o código linguístico, a expressões, ideias, a percepções

e modos de compreensão social de uma dada realidade, em que se estabelece um diálogo cultural. No caso da obra em análise, trata-se de uma narrativa visual em que o campo de exploração se encontra na dimensão representativa visual do discurso.

A composição sequencial das imagens sugere percepções de uma narrativa visual que vai se constituindo sob os olhares do leitor. Um texto visual, assim como um texto verbal pode remeter a diferentes leituras ou modos de ler do leitor, trata-se de uma prática realizada na individualidade, mas que carrega ações produzidas culturalmente ao longo dos tempos, haja vista que a “leitura pessoal encontra-se situada em uma rede de práticas culturais apoiada sobre o livro: a escuta de textos lidos e relidos em voz alta, na família ou na igreja, a memorização desses textos ouvidos, mais reconhecidos do que lidos, sua recitação para si ou para os outros” (Chartier, 2001, p. 86).

Um livro pode representar uma leitura permeada por uma relação social, por um momento de proximidade, de interação entre pessoas, pode representar sensações e emoções, que provocam rememorações de um momento da leitura que aconteceu em espaços distintos, como o familiar e o escolar (Goulart, 2011, 2015).

Da mesma forma, a narrativa visual pode solicitar do leitor modos distintos de interação e percepção, que exigirá acionar o “intertexto discursivo”, conforme nos aponta Fillola (2004, p.144). Por meio deste intertexto discursivo, o leitor irá relacionar o texto a outros elementos ou situações culturais, outros conhecimentos, outros textos lidos e vistos, outras experiências vividas. Trata-se de um “[...] mecanismo que ativa seletivamente saberes e estratégias para estabelecer associações de caráter metaliterário e intertextual” (Fillola, 2004, p.144, “tradução nossa”)^{vi}.

No caso da obra *O barco dos sonhos*, observa-se dois aspectos intertextuais na organização das imagens: o primeiro refere-se à organização de algumas cenas em quadros, como recortes de ações, o que remete a uma divisão das cenas, com centralidade na atividade realizada, conduzindo o olhar leitor ao movimento cadenciado da narrativa visual, como ilustrado na Figura 3:

Figura 3: Página dupla da obra de O Barco dos Sonhos



Fonte: Esconderijos do tempo, 2015.

Nesta sequência de imagens (Figura 3), por exemplo, o autor explora a dimensão visual das cenas, com a técnica de distanciamento e de zoom, dando ênfase a detalhes, como no quadro das mãos abrindo a carta. Este modo de organização e exposição das cenas provoca a pausa do olhar para o recorte, permite acompanhar detalhes da ilustração, gera expectativa no leitor, bem como direciona o olhar para ação enfatizada na experiência do personagem, no caso, o ato de abrir uma carta, que remete à emoção de saber as novidades que ela traz. O leitor segue a cena pela extensão do olhar do protagonista.

A cena provoca no leitor a possibilidade de experienciar as sensações e expectativas do protagonista, ativando aspectos subjetivos da leitura, o que promove uma experiência estética literária. Tal experiência pode acontecer de modo distinto, conforme o objetivo da leitura realizada, ou em decorrência dos diferentes momentos da vida do leitor. Por demandar conhecimentos prévios sobre a obra ou sobre a temática abordada, a leitura dependerá da sensibilidade do leitor e do contexto social e cultural no qual está inserido, assim, estas situações tornam “[...] a experiência com a leitura da obra literária algo tão rigorosamente pessoal para o leitor quanto foi a criação para seu autor” (Cunha, 2014, p.112).

As ações de leitor subjetivo são ativadas por um agir da leitura conduzida pelo olhar ao texto, em ações reversas de ir e vir, de entrar e sair da cena, de aceitação e de discordância, de compreensão e incompreensão, de continuidade e descontinuidade das imagens sequenciadas, que tecem uma narrativa visual. Da mesma forma, acontece um agir interior, ao refletir sobre o que vê, ao relacionar as cenas com o vivido, ao desencadear sentimentos,

de modo a “[...] provocar o leitor a sair de si mesmo, em algumas situações, pode convidar esse leitor a entrar em si mesmo, ou ainda, em outras, impulsioná-lo a ir além de si mesmo, a superar seus limites e a reconhecer sua própria humanidade” (Goulart, 2023, p.13).

Tais ações buscam produzir sentidos ao texto. Por isso o leitor pode inferir que a carta foi escrita pelo personagem inicial, um senhor idoso, que coloca esta carta em uma garrafa e deposita-a ao mar. A criança chega em sua casa e encontra a carta na porta de entrada. Não há uma imagem que represente como a carta chegou à porta da casa do menino, com isso cria-se um espaço para o leitor imaginar, criar outras cenas que representem o que poderia ter acontecido. A sequência narrativa deixa lacunas para que o leitor imagine e comprehenda os motivos que levaram à separação entre os dois personagens e os dois mundos.

Pode-se perceber que em toda a obra ocorre esse movimento narrativo que possibilita ao leitor ir além do que está diante dele enquanto imagem, para reelaborar um texto não explícito, o que estimula uma experiência de leitura. E isso requer do leitor a capacidade de “[...] impor coerência e limites às próprias apreciações e estabelecer adequadamente a compreensão e interpretação da obra” (Fillola, 2004, p.154, “tradução nossa”)^{vii}. Trata-se de um jogo de relações entre o que já se sabe sobre o tema e as experiências vividas, aguçando e redesenhandando a formação literária.

Considerações Finais

Neste texto buscou-se refletir sobre a qualidade estética literária de um livro de literatura infantil, ampliando o olhar reflexivo do leitor para a narrativa visual. A composição de imagens no livro de literatura infantil envolve tanto um aspecto artístico, que demanda do leitor uma ação apreciativa, quanto literário, que requer uma leitura subjetiva. Em ambos os aspectos, a ativação do olhar torna-se um diferencial para a compreensão leitora e para a literacia visual.

A obra *O barco dos sonhos*, de Rogério Coelho, compõe-se de um texto visual, organizado com a finalidade de provocar no leitor uma experiência estética literária, por trazer elementos narrativos que permitem a identificação do leitor com a cena e com os protagonistas. Além disso, os aspectos visuais das cenas, como a organização de quadros sequenciais das ações, como as estratégias de distanciamento, que possibilitam ao leitor uma visão mais ampla do cenário ou do contexto da narrativa, enquanto outras cenas se utilizam da técnica do zoom, para dar ênfase aos detalhes, para destacar gestos, movimentos ou

ações que provocam uma leitura meticulosa. Tais estratégias do autor e ilustrador se mostram como um “[...] fazer único e inconfundível, com marcas que ele gostaria que fossem percebidas pelo leitor como pegadas no caminho da leitura de sua obra” (Cunha, 2014, p.112).

O estudo da obra *O barco dos sonhos* apontou que a imagem narrativa nos livros de literatura infantil favorece o desenvolvimento da literacia visual, uma vez que a educação do olhar pode ser instigada pela promoção da leitura do texto visual no livro e pode beneficiar o envolvimento do leitor com a obra.

Com isso, considera-se que a prática de leitura de imagens em livros de imagens se constitui uma valiosa ferramenta para a literacia visual e para a formação de leitores. As narrativas visuais podem incentivar a apreciação das artes visuais, de modo a desencadear uma experiência estética literária por meio da educação do olhar, o que contribui significativamente para a formação literária. Compreende-se que uma imagem pode oferecer ao leitor espaços para se emocionar, aprender, questionar, refletir, criar e sentir. Trata-se de construir ações concretas ancoradas pela leitura da narrativa visual que, assim como na literatura verbal, extrapolam a lógica que aliena.

Nesse sentido, o verso de Manoel de Barros (2017, p.26) parece propício para finalizar a reflexão proposta, quando poeticamente escreve: “O que desabre o ser é o ver e ver-se”. O verso permite fazer uma analogia ao livro de imagens, pois a leitura de uma narrativa visual amplia o olhar, por dar visibilidade estética literária ao texto e por possibilitar a interlocução com outras tantas histórias guardadas na interioridade. As imagens tornam-se um convite a ir além de si mesmo, a abrir os olhos para a intensidade dos sentidos, a “ver e ver-se”, uma vez que ao apreciar os deslimites das linguagens, pode-se ler os traços que marcam a subjetividade de cada ser humano.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Manoel. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

BELMIRO, Célia Abicalil. Livro de imagens. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. (Org.). **Glossário Ceale: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 203-204.

CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, Rogério. **O barco dos Sonhos**. Positivo: Curitiba, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da literatura infantil/ juvenil**. 3. ed. Refundida e ampliada. São Paulo: Quíron, 1985.

CUNHA, Maria Antunieta Antunes. Experiência estética literária. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. (Org.). **Glossário Ceale**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p.112-113.

Esconderijos do tempo. Ler, sentir, sonhar, assistir, ouvir, brincar, viver por Cristiane Rogerio. **O barco dos sonhos**. Disponível em: <http://esconderijos.com.br/o-barco-dos-sonhos/> Acesso em: 29 abril 2025.

FILLOLA, Mendoza Antonio. **La educación literaria**: bases para la formación de la competencia lecto-literaria. Málaga: Ediciones Aljibe, 2004.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Relações que entremeiam leitor e livro: da materialidade à afetividade. **Revista Álabe**, Almería, n. 12, p. 1-16, jul./ dez. 2015. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7518> Acesso em: 10 jan. de 2025.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Um livro, diferentes modos de ler. **Revista Leitura: Teoria & Prática**, 29, 27-35, 2011. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/54> Acesso em: 10 jan. de 2025.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Em meio à subjetividade da leitura: marcas de um leitor subjetivo. **Revista De Estudos De Cultura**, v. 10, n. 26, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.32748/revec.v10i26.21874> Acesso em: 10 jan. 2025.

GOULART, Ilsa Carmo Vieira. **Leitura, leitura literária e ensino**: representações discursivas da década de 1980. Lavras: editora Ufla, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/58685> Acesso em: 10 jan. 2025.

HORTIN, John. A. Employing visual literacy techniques. **Educational Considerations**: Vol. 8: No. 3, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.4148/0146-9282.1880> Acesso em: 29 abril 2025.

LANGLADE, Gerard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: Rouxel, Annie; Langlade, Gerard; Rezende, Neide Luzia de (Orgs). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p.25-38.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorotheé de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

NAVES, Ludmila Magalhães. **Educação para/do olhar:** a dupla representação da ilustração nos livros de imagens de Marcelo Xavier. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

NAVES, Ludmila Magalhães; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. As discussões sobre o livro de imagens no cenário da literatura infantil. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 19, p. e11834, 2024. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/11834> Acesso em: 10 jan. 2025.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado:** Palavras e imagens. Tradução de: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Ieda. de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil:** com a palavra o ilustrador. São Paulo: Dcl, 2008. p. 141-161.

RAMOS, Graça. **As imagens nos livros infantis:** caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SIMÓN, Fernando Guzmán. Prólogo. In: ESCAÑO, Carlos. **Pedagogías de la mirada.** Madrid: Dykinson, 2022.

Notas

ⁱ Informações sobre o autor e ilustrador Rogério Coelho podem ser acessadas em diferentes sites como:

<https://rogeriocoelhofilustrador.blogspot.com/>; <https://www.behance.net/coelhorogerioart/projects>;
<https://www.blogger.com/profile/08848069311404118849>;
<https://www.gatoleitor.com.br/autores/rogerio-coelho>.

ⁱⁱ “[...] is the ability to understand and use images and to think and learn in terms of images”.

ⁱⁱⁱ “[...] visual literacy includes the understanding of how visuals (images) communicate, influence, manipulate and control our lives”.

^{iv} “[...] la mirada es construida como un discurso, profundamente ideologizado, y sujeto a las convenciones Sociales. La construcción de la mirada se convierte en la manera de dar vida a los mundos que, de manera dinámica y emergente, se construyen y transforman cada vez que el sujeto-receptor forma parte de un nuevo evento nacido de la lucha de mirar. Mirar es, en consecuencia, un acto de creación producido en el mismo instante en que se mira.

^v “[...] sistema de lengua siempre es perceptible en su esencia y en su potencialidad” (Fillola, 2004, p. 62).

^{vi} “[...] mecanismo que activa selectivamente saberes y estrategias para establecer asociaciones de carácter metaliterario y intertextual” (Fillola, 2004, p. 144).

^{vii} “[...] imponer coherencia y límites a las propias apreciaciones y establecer adecuadamente la comprensión e interpretación de la obra” (Fillola, 2004, p.154).

Sobre as autoras

Ludmila Magalhães Naves

Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade de Évora - Portugal, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, Pedagoga e Administradora. Professora colaboradora e pesquisadora integrante do Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita - NELLE/UFLA. Pesquisadora integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literatura Infantil GEPLI-GPELL-CEALE/UFMG.

Email: ludnaves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8092-3611>

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona. Docente do Departamento de Gestão Educacional, Teoria e Práticas de Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Lavras – UFLA. Coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita - NELLE/UFLA. Bolsista Produtividade FAPEMIG/ CNPq. Email: ilsa.goulart@ufla.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9469-2962>

Recebido em: 08/08/2025

Aceito para publicação em: 07/08/2025